

Jazz

18 Janeiro '09

Ciclo 'Isto é Jazz?'

Comissário: Pedro Costa

Nuno Rebelo e DJ Olive

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Guitarra e objectos amplificados Nuno Rebelo
 Turntables e electrónicas DJ Olive



Gémeos diferentes

Na primeira performance de 2009 da série 'Isto é Jazz?', mais do que em qualquer outra ocasião a pergunta que se coloca não encontrará, decerto, uma resposta definitiva. E isso porque Nuno Rebelo e DJ Olive (Gregor Asch) são figuras da música de hoje que desafiam qualquer firme catalogação, apesar de ambos percorrerem caminhos que podemos categorizar idiomáticamente. O músico português teve um passado no pop-rock, tendo sido na década de 1980 o mentor de uma formação inovadora no género, Mler lfe Dada, e ainda hoje volta algumas vezes a esse contexto, por exemplo com os Mark Lewis & The Standards. O americano impôs o seu nome na *club music* a partir dos anos 1990, nesta área também introduzindo soluções que deram corpo a uma nova cena dançante, o *illbient*, juntando ao *groove* de festa uma inventividade que não costuma estar associada às discotecas.

Em simultâneo, e cada um a seu modo, Rebelo e Asch vêm utilizando os processos e as técnicas da improvisação, muitas vezes em conjunto com músicos de jazz ou com este aparentados – o primeiro com Agustí Fernandez, Lê Quan Ninh, Carlos Zingaro, John Bisset, Jean-Marc Montera, Liba Vilavechia, Gianni Gebia, Rodrigo Amado e John Zorn, entre muitos outros, e o outro com Marc Ribot, David Binney, Uri Caine, Dave Douglas, John Medeski, Bobby Previte e Mats Gustafsson, numa também extensa lista de colaborações. Acresce que Nuno Rebelo se dedica ainda à composição para dança e teatro, com envolvimento em projectos de Mark Tompkins, Steve

Baxton, Vera Mantero, Lisa Nelson, João Fiadeiro ou Mathilde Monnier, e que DJ Olive se tem associado a alguns grandes nomes da música contemporânea, como aconteceu com Luc Ferrari no final da vida deste e com Pauline Oliveros.

Por estes dados biográficos se verifica de imediato que a ideia de território musical lhes é estranha. As suas abordagens são transversais e oblíquas, atravessando não só uma larga variedade de correntes e tendências, como a habitual dicotomia entre “popular” e “erudito”, “*mainstream*” e “vanguarda”, “música escrita” e “música improvisada”, “música criativa” e “música para divertimento”. Ou seja, nunca se sabe muito bem o que esperar deles. Os rumos das suas respectivas músicas podem mudar radicalmente em poucos segundos. Reunidos no mesmo palco, as probabilidades aumentam exponencialmente...

Esclarece Nuno Rebelo, o anfitrião deste concerto: “Tenho uma esfera de acção assaz alargada, e a improvisação está, sem dúvida, integrada nas minhas vivências. Sou um músico que também improvisa, entre muitas outras experiências que se me proporcionam. Não me inscrevo em estilos ou géneros, a não ser momentaneamente, em determinado projecto, e não me preocupo em saber onde começam e terminam os vínculos que possam surgir. A prática da improvisação é uma maneira profunda de viver a música, mas pode adoptar diversas formas. Quando improviso com bailarinos o meu modo de estar e fazer música é necessariamente diferente de quando estou num concerto de improvisação. E distinto porque consciente de que a atenção do público recai em primeiro lugar nos bailarinos – deste

Dom 18 de Janeiro

Pequeno Auditório · 21h30 · Duração: 1h00 · M12

modo, a música funciona como uma moldura para a acção. Se nas canções pop raramente improviso, as minhas composições de cena têm como ponto de partida as improvisações a solo que gravo de diversos instrumentistas. A composição é sugerida pela combinação dos registos dessas improvisações, completados por fragmentos tocados por mim numa lógica de arranjo.”

O *DJing* de Gregor Asch não se fica pelo *beat* e pelo *scratch* inspirado nos formatos do *hip-hop* e do *dub*, caracterizando-se também pelas suas incursões abstractas no mundo dos sons, investimento em que vai mais longe do que o outro grande protagonista da facção *illbient*, DJ Spooky, e em que se coloca a par de *turntablists* como Christian Marclay, Otomo Yoshihide e Martin Tétrault, e ainda por um *droning* de efeitos hipnóticos conotado com o *chillout* (os seus famosos *sleeping pills*, ou concertos para dormir). Também as propostas do português têm múltiplas vertentes, que passam pela utilização de objectos amplificados, pela preparação da guitarra portuguesa ou pela manipulação na horizontal de uma guitarra eléctrica estereofónica, evidenciando as mais díspares referências: as tradições de África e do Oriente, Robert Fripp com e sem os King Crimson, Brian Eno, Frank Zappa, Gentle Giant, Soft Machine, Talking Heads, Tuxedomoon, Igor Stravinsky, Krystoff Penderecki, Edgard Varèse, Arnold Schoenberg, John Cage, Harry Partch, Thelonious Monk, Ornette Coleman, Anthony Braxton, Fred Frith (é habitualmente apontado como um continuador deste), numa mistura surpreendente.

“Quando ouvi Monk pela primeira

vez, foi como se nunca tivesse ouvido jazz antes. Não sou um praticante e nem sequer um aficionado deste idioma musical, daqueles que reconhecem quem está a tocar depois de ouvir duas ou três notas, mas fui fortemente cativado por este pianista e compositor. Foi graças a Thelonious Monk, bem como a Ornette e a Braxton, que acabei por integrar elementos específicos do jazz aqui e ali na minha música, o que se nota em certos arranjos pop meus ou nas minhas parcerias com músicos de jazz, e se verificava muito particularmente num grupo que tive na década de 90, Plopoplot Pot. Este duo dificilmente poderá vir a ser classificado como jazz, mas o que acontecer na Culturgest estará com certeza demarcado pela temática sugerida pelo nome do ciclo. A escolha para meu parceiro de um músico caleidoscópico como DJ Olive parece-me a ideal para ter este vislumbre”, argumenta Rebelo.

O presente encontro está longe de ser uma estreia. Nuno Rebelo e DJ Olive conheceram-se há uns anos na Bélgica, partilhando o palco durante três noites num projecto liderado pela coreógrafa e bailarina Vera Mantero. Voltaram a reunir-se em Lisboa para uma actuação surpresa inserida na segunda edição do festival Palavras Desencarnadas, organizado pela Granular (com Asch a incluir passagens de *spoken word* nos discos que ia colocando nos pratos), a que se seguiu uma prestação na Galeria Zé Dos Bois. “Em todas as vezes que toquei com ele houve um entendimento muito especial e ficou sempre a vontade de fazer mais”, testemunha o guitarrista. O curioso é que, não obstante terem plena consciência das semelhanças dos seus

perfis, conhecem pouco do trabalho um do outro, até pelo facto de terem discografias reduzidas, dada a preferência de ambos para as apresentações ao vivo. “Não preciso de mais do que as experiências directas que tivemos para reconhecer nele um músico de nível superior e um óptimo improvisador alheio a todos os clichés, inclusive os da própria música improvisada”, diz Rebelo com convicção.

Se a improvisação, como alguns teóricos advogam, é uma música feita de memórias auditivas, esta dupla tem todas as particularidades que permitirão confirmá-lo *in loco*. Tanto pela parte de Nuno Rebelo, cujo léxico guitarrístico é feito de plurais interesses, como pelo lado de DJ Olive, e até por maior força de razão – funcionando o DJing como uma “viagem psicológica no tempo” (expressão de DJ Spooky, o mais insigne pensador da cultura vinílica), fica claro que aquilo que ouviremos é o resultado de um *continuum*. Personalizado e subjectivo, como é de regra em qualquer intervenção artística, mas remetendo-nos inevitavelmente para tudo o que foi feito antes. E a verdade é que o jazz ocupa um lugar fundamental na história da música urbana. A linguagem musical que mais inseparável tem sido da utilização dos gira-discos como instrumento, o *hip-hop*, insiste na declaração dessa ascendência. Assim, mesmo que esta contribuição para o ‘Isto é Jazz?’ não nos esclareça, seguramente que o dito jazz estará presente. Pode é não surgir como esperávamos...

Rui Eduardo Paes
crítico de música, ensaísta, editor
da revista *jazz.pt*

Nuno Rebelo

Licenciado em Arquitectura pela ESBAL, dedicou-se desde logo exclusivamente à música, tendo integrado o grupo *new wave* Streetkids entre 1980 e 1982 e dirigindo os Mler lfe Dada de 1983 a 1989. De 1990 a 1992 dirigiu o grupo instrumental Plopoplot Pot e, entre 1993 e 1995, a Poliploc Orkeshttra, que acompanhou com música ao vivo os filmes mudos *Nosferatu*, de Murnau, e *Douro, Faina Fluvial*, de Manoel de Oliveira.

Em 1988 criou a música para a passagem de moda *Manobras de Maio* e, desde então, compôs também para vários filmes, peças de teatro e dança contemporânea. Foi o autor do hino da Expo '98, da música e sonoplastia do espectáculo *Oceanos e Utopias*, no Pavilhão da Utopia da Expo '98, e ainda da música para o espectáculo de fogo de artifício que marcou a abertura de Porto 2001 Capital Europeia da Cultura.

No teatro criou música para encenações de José Wallenstein, António Feio, Paulo Filipe Monteiro e Águeda Sena. No cinema, compôs para filmes de José Nascimento, Edgar Pêra, Ricardo Rezende, Jorge António, Jorge Paixão da Costa, entre outros. Já na área da dança criou música para coreografias de Paulo Ribeiro, Mark Tompkins, Vera Mantero, João Fiadeiro, Aldara Bizarro, Cosmin Manolescu, entre outros. Coreógrafos como Steve Paxton e Rui Horta utilizaram música de Nuno Rebelo nas suas coreografias. Participou nos encontros coreográficos Skite (Lisboa, 1994) e European Choreographic Forum 5 (Dartington, Reino Unido, 1996).

Como guitarrista, o seu percurso

levou-o à guitarra eléctrica preparada, tendo então evoluído no sentido de uma linguagem própria que aos poucos vai deixando de parte a preparação do instrumento. Afirmando-se como guitarrista experimental e improvisador, tem tocado em diversos países com músicos como Peter Kowald, Gianni Gebbia, Jean Marc Montera, Kato Hideki, Shelley Hirsch, Michael Moore, Le Quan Ninh, Paolo Angeli, etc., bem como com a maioria dos improvisadores portugueses. Em 1993 começou a aplicar à guitarra portuguesa as técnicas até então desenvolvidas na guitarra eléctrica, tendo-a baptizado de guitarra portuguesa mutante. Esta pesquisa, que continua actualmente a desenvolver, deu origem a projectos como *As guitarras portuguesas mutantes!!!* e *So Happy Together* (trio de Nuno Rebelo, Vítor Rua e Vera Mantero).

DJ Olive

Gregor Asch (DJ Olive) é um músico muito especial e impossível de emparejar ou catalogar. Cresceu em Boston, Nova Scotia, Trinidad, Rhode Island e Austrália e nos anos 1990 foi co-fundador da organização Lalalandia Entertainment Research Corporation que organizou em Brooklyn alguns dos mais memoráveis *after-hours* da época. Multipolyomni e We (com DJ Spooky, Sub Dub e Byzar, Liminal) são dois dos mais notáveis projectos que criou. O álbum *As is* dos We, editado em 1997, foi mesmo considerado um clássico que mistura *ambient/dub/hip-hop* numa fusão muito experimental. Fundou duas editoras, Phonomena Audio Arts &

Multiples e The Agriculture e, quando editou o seu primeiro CD, *Bodega*, foi logo apelidado de inovador, o que ficou confirmado na gravação seguinte, o registo ao vivo *Live in Tasmania*. Foi convidado para tocar em importantes eventos, entre os quais a Whitney Biennial 2008, Treble, Brooklyn Sculpture Center 2004, City Sonics 2004, Mons, Venice Biennale 2003, Whitney Biennial 2002, Bit Streams at the Whitney 2001. O seu percurso musical foi feito também ao lado de outros inclassificáveis que foram ajudando a definir a sua personalidade camaleónica, como Luc Ferrari, Kim Gordon, Christian Fennesz, Otomo Yoshihide, Jim O'Rourke, Yuka Honda, Alan Vega, Khan & Walker, Thurston Moore, Jah Wobble, Mike Watt ou Lee Ranaldo. A utilização de sons mais orgânicos e mais próximos do jazz no seu gira-discos levou-o ainda a tocar ao lado de Marc Ribot, Derek Bailey, Medeski, Martin & Wood, Dave Douglas e Uri Caine.

Próximo espectáculo

parades & changes, replays

Anna Halprin/ Anne Collod & Guests

Música Sex 23, Sáb 24 de Janeiro
Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M12



A partir dos anos quarenta, a coreógrafa Anna Halprin desenvolveu na Califórnia uma das aventuras artísticas mais radicais e fecundas do século XX. Improvisação, criação colectiva, entrada dos gestos quotidianos e da noção de 'tarefa' no campo da dança, trabalho na natureza e sobre a nudez, envolvimento nas grandes lutas políticas e sociais, elementos que estão na base da 'performance' e que influenciaram de forma determinante a dança pós-moderna americana.

Verdadeira 'cerimónia da confiança', *Parades & Changes*, obra cimeira de 1965, põe a nu o processo, o lugar, a acção e o próprio *performer*. Baseada na improvisação estruturada e na utilização de partituras (*scores*) como utensílios de criação e de escrita coreográfica, a peça desenvolve uma série de 'paradas' que atravessam o espaço teatral e joga com acções do quotidiano alteradas, corpos sonoros, viagens de objectos, temporalidades distendidas e sensorialidades múltiplas.

Em diálogo com Anna Halprin, Anne Collod e um grupo de coreógrafos/*performers* de primeiro plano actualizam os múltiplos cenários desta obra aberta. Propõem uma reinterpretação extensiva que permite ao público descobrir a dimensão total desta peça que esteve interdita durante vinte anos nos Estados Unidos devido ao uso da nudez.

"A beleza perturbante destas composições para corpos, música, cores, sons, palavras e acções quotidianas opõe-se magistralmente ao conceito de não-dança que os reacionários de hoje agitam". O vigor e a espantosa frescura desta recriação, que reactiva alguns dos questionamentos mais actuais, restituem com brilho a obra de Anna Halprin ao lugar crucial que lhe pertence na dança e na performance.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Ana Feteira Monteiro

estagiária

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Joana Bernardo

estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Maria Ana Freitas

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direcção Técnica

Eugénio Sena

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino chefe

de imagem

Paulo Abrantes chefe

de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Paula Pires Tavares

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção de Arte

da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Valter Manhoso

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
